

A MULHER DE BATOM, GRAXA E MACACÃO

A Mulher no Curso Técnico de Mecânica na ETEFPB: um resgate histórico.

Valéria Maria Gomes Guimarães

Escola Técnica Federal da Paraíba
Coordenação Técnico-pedagógica
Av. 1º de maio, 720 - Jaguaribe
58015-430 - João Pessoa - PB
e-mail: lilifgs@zaz.com.br

Ana Maria Coutinho Bernardo

Universidade Federal da Paraíba
Centro de Educação
e-mail: bernardo@netwaybbs.com.br

Resumo

A partir da relação educação/divisão sexual do trabalho e categoria relações sociais de gênero, este texto analisa a participação da mulher no curso Técnico de Mecânica da Escola Técnica Federal da Paraíba, enfocando aspectos relativos às dificuldades, barreiras, anseios, motivo da escolha, visão do curso, da profissão e do mundo do trabalho.

Palavras-Chave : Trabalho, Gênero, Educação, Formação Profissional

1. Introdução

Este trabalho é resultado de uma pesquisa realizada com ex-alunas do curso Técnico de Mecânica, da escola Técnica Federal da Paraíba, com o objetivo de analisar a participação da mulher no referido curso.

O estudo se desenvolveu, a partir da consideração das novas formas de relação que se estabelecem entre educação e trabalho, nas sociedades contemporâneas, as quais determinam um novo princípio educativo, a partir da categoria relações sociais de gênero.

Iniciamos com um levantamento das produções científicas sobre a participação da mulher no mundo do trabalho. Num segundo momento foram realizadas entrevistas com as ex-alunas, sobre questões relacionadas com a vivências de cada uma no curso, dificuldades, barreiras, anseios, motivos da escolha, visão do curso, da profissão e do mundo do trabalho.

A análise dos dados foi desenvolvida aportada numa fundamentação teórica, pertinente ao tema, ou seja, na perspectiva da categoria gênero e divisão sexual do trabalho numa interação constante entre a prática e a teoria, como lembra Ludke e André, 1986: 23:

“Essa interação continua entre os dados reais e as possíveis explicações teóricas permite a estruturação de um quadro teórico dentro do qual o fenômeno pode ser interpretado e compreendido”.

O debate sobre a inserção da mulher, no mundo do trabalho, nos estimula a analisar a questão das relações sociais de gênero, bem como a destacar a importância de preparar profissionais para o mundo do trabalho, que apresenta novos desafios, uma vez que esta não é uma questão exclusivamente pedagógica, mas política, determinada pelas mudanças nas bases materiais de produção, a partir do que se define a cada época, uma relação peculiar entre trabalho e educação na atualidade.

Educadores/as são unânimes em reconhecer o impacto das atuais transformações econômicas, políticas, sociais e culturais na educação e no ensino profissionalizante, levando a uma reavaliação da função social da escola e dos/as educadores/as. Decorre daí, a necessidade de lançar, um olhar para a história da participação da mulher no curso de Mecânica da ETEFPB, a partir da categoria relações

sociais de gênero, uma vez que estamos vivendo um momento de transição, no qual os antigos modelos de profissão interagem com os novos, num processo dialético de avanços e recuos, tornando ainda mais complexa a problemática dos estereótipos sexistas relacionados às profissões, como um desafio constante a ser superado.

Os caminhos de superação dos estereótipos sexistas podem ser complexos, mas as práticas inovadoras das mulheres sinalizam que, quando os antigos modelos são questionados, quaisquer que sejam as razões que conduziram às mudanças, e apesar dos efeitos perversos que acompanham muitas “opções”, as mulheres já não são mais as mesmas. Se foram por necessidade, se não donas de casa porque não conseguem se profissionalizar, pouco importa. O fundamental é que muitas também se descobriram como pessoas, como arquitetas de suas vidas e, por isso mesmo, estão dispostas a deixar o espaço do lar para enfrentar o mundo lá fora e inventar novas possibilidades de ser mulher.

2. Um olhar sobre a categoria gênero

A categoria gênero nasceu dos movimentos sociais, especificamente do movimento feminista. Consideramos necessário ir recuperando alguns aspectos da trajetória histórica desse movimento, no sentido de contextualizar a emergência das relações sociais de gênero como categoria analítica.

O feminismo, enquanto movimento social, abriga práticas e ideologias, como também aponta questões específicas, a partir das quais delimita um conjunto de críticas e revisões aos esquemas de organização social, fundados em hierarquias que discriminam o sexo feminino. Assim, no decorrer da história desse movimento, essas questões refletiram, em grande parte, um debate social mais amplo que se desenvolvia na sociedade como um todo.

Podemos afirmar que a construção da categoria gênero está diretamente ligada aos impasses da teoria do patriarcado e das análises marxistas, incluindo-se também o desenvolvimento de abordagens psicanalíticas. Assim, o centro da reflexão nos trabalhos feministas, atualmente, passa a ser muito mais o da busca dos significados das representações do feminino e do masculino, bem como das construções culturais e históricas das relações de gênero. Vejamos uma das mais completas definições para a categoria gênero:

“A categoria gênero pode ser definida como relação social que atravessa a história e o tecido social, as instituições e as mentalidades, objeto interdisciplinar por excelência, ao mesmo tempo do domínio das teorias sobre família; mercado de trabalho, processo de trabalho, cidadania, partido político e movimentos sociais, tanto quanto da subjetividade” (Souza-Lobo, 1991:191).

Sob esse ângulo, não fica difícil perceber como a cultura de um modo geral e, especialmente, a educação pode contribuir significativamente para o debate sobre a questão das relações sociais de gênero. Conseqüentemente, a investigação sobre a presença da mulher no curso Técnico de Mecânica da ETEFPB, torna-se importante porque, além de contribuir para a socialização do debate sobre gênero, conduz-nos também à análise da contribuição da educação para esse debate. As escolas (assim como a família e outras instituições sociais) são importantes. Assim, as pessoas que desejam modificar a sociedade afirmam com freqüência que a escola deve funcionar como um instrumento de transformação em relação à problemática específica de gênero, como lembra Miriam Grossi:

“Se entendemos que gênero é uma construção sócio-antropológica, é impossível continuar concebendo a escola alheia a essa problemática. Portanto, uma tarefa nova e desafiadora se inclui na reinvenção que a escola está a exigir” (Grossi, 1992:134).

Nesse aspecto, para investigarmos a presença da mulher, no curso Técnico de Mecânica da

ETFPB, utilizamos o recorte de gênero como categoria analítica central articulada com a divisão sexual do trabalho.

3. Relações sociais de gênero e divisão sexual do trabalho

O desenvolvimento do capitalismo interferiu na redefinição dos papéis sociais masculinos e femininos, a partir da divisão sexual do trabalho. Antes, a produção e a reprodução eram organizadas de acordo com as normas de parentesco. Quando a produção saiu da esfera doméstica e passou a ser organizada, cada vez mais, em relações de mercado e classe, sem a influência do parentesco e no espaço público possibilitou uma redefinição da família no espaço da reprodução. Essa transformação histórica reforçou a divisão do trabalho por sexos, na qual foi destinado socialmente à mulher o espaço privado do lar, ou seja, a esfera da reprodução, e ao homem o espaço da produção, isto é, o espaço público. É importante entendermos essa divisão sexual do trabalho, a fim de compreendermos as bases históricas da divisão entre os sexos no mundo do trabalho. Essa divisão tornou-se definidora e limitadora das atividades diárias de homens e mulheres, reforçando os estereótipos sexistas, que classificam as profissões em masculinas ou femininas influenciados pela produção e reprodução dos papéis sociais atribuídos de acordo com cada sexo.

Nesse aspecto, a problemática da divisão sexual do trabalho questiona categorias e métodos que aprendemos a considerar como neutros. Contrariando essa tendência, estudos e pesquisas têm sido desenvolvidos, situando o caráter específico da subordinação, por sexo, entendida como assimetria nas relações de gênero. O desenvolvimento de pesquisas, a partir dessa categoria, tem contribuído significativamente para a visibilidade do trabalho feminino.

Essa questão nos remete ao processo de socialização baseado numa ideologia patriarcal de submissão da mulher. Atualmente, as mulheres estão sendo, cada vez mais, estimuladas às exigências do mundo moderno. Vários papéis estão sendo cobrados simultaneamente da mulher: trabalhadora, esposa, mãe, estudante. Tudo isso tem provocado, sem dúvida, vários conflitos: ansiedade, frustração e principalmente o sentimento de culpa. Isso ocorre porque, ao mesmo tempo em que a mulher é incentivada a buscar uma carreira, a sociedade também cobra dela o cuidado com a educação dos/as filhos/as e as tarefas do lar.

Desse modo, o mundo de hoje exige mudanças nas relações sociais de gênero e na divisão sexual do trabalho. Isso implica repensar os papéis sociais masculinos e femininos com suas respectivas funções a partir de uma maior flexibilidade, numa perspectiva de superação das delimitações autoritárias e antigas dos papéis.

4. De pés descalços - um pouco das marcas da mulher no curso Técnico de Mecânica da ETEPB

Surgem em 1909 no Brasil, as Escolas Técnicas, na época, chamadas de Escolas de Aprendizes Artífices, com o nítido propósito de educar as pessoas “desfavorecidas da fortuna”, dirigindo-as ao trabalho como formadora de mão-de-obra para atender às exigências da época e do parque industrial que começava a tomar pulso e necessitava ampliar sua produção manufatureira.

A Escola Técnica Federal da Paraíba vem receber esta denominação em 1967.

Dentre os cursos Técnicos, o de Mecânica foi criado no ano de 1961, conhecido na época como Técnico de Construção de Máquinas e Motores, em substituição ao curso Básico Industrial de Mecânica de Máquina, que funcionava desde 1942.

A partir de 1965, as mulheres passam a integrar o corpo discente da Escola, representando não só um marco histórico no engrandecimento das vidas destas, como também na vida das mulheres de um modo geral.

A primeira mulher a concluir o curso técnico de mecânica veio acontecer em 1972, numa

turma de 36 homens. Dez anos mais tarde, o curso contara com mais 04 alunas concluintes. Em 1997 contamos com 13,2% num total de 33 alunas nas séries cursadas.

Elucidando alguns focos da participação da mulher no mundo do trabalho brasileiro, a partir da década de 70, época contextualizada neste trabalho e representativa do início da profissionalização da mulher pelos cursos técnicos da Escola, podemos observar que na década de 70, contava-se com 18,2% de brasileiras ativas. Em 1980, atingiu-se um aumento na ordem dos 54%, incluindo um crescimento no trabalho agrícola. Em 1990 conseguiu-se a cifra de 22,9 milhões, sem entretanto, representar 40% da força total de trabalho.

Nos anos 80 houve um significativo aumento da participação da mulher no mercado brasileiro, triplicando dos seis milhões em 1970, passando a 1,6 milhões em 1983. Entretanto, esta ocupação num mercado notadamente masculino, 33% num contingente cerca de 51 milhões de trabalhadores, concentrará a mulher em funções tipicamente feminina, “guetos ocupacionais”, representando 70% das trabalhadoras em trabalhos domésticos, lavradoras e operárias para aquelas com escolaridade baixa, secretárias e balconistas (prestadoras de serviços) para as que possuíam nível médio de instrução, professora ou enfermeira para aquela cuja a escolaridade era mais elevada, incluindo-se em serviços públicos.

Este período foi caracterizado por grandes transformações de valores em relação ao papel de mulher na sociedade, desde os anos setenta através dos movimentos feministas, ao lado de maior acesso às escolas, sobretudo às universidades, controle da natalidade, alteração familiares, somados à crise econômica que compelia estas mulheres a assumirem também as despesas familiares, principalmente nas camadas medias urbanas (Bruschini, 1985).

Na formação profissional, os cursos destinados às mulheres, são encarados como extensão do lar, denominados “femininos” pela sociedade, e, portanto, recebem o maior número de mulheres, como os cursos de Letras, Filosofia e outros da área de Ciências Humanas (77% são alunas), também os cursos de Serviço Social e Enfermagem (95% e 94% respectivamente) [Barroso e Mello - 1975:52 apud Bruschini - 1977].

Os cursos de Farmácia, Medicina e Odontologia, como também o exercício do Magistério (primeira profissão surgida como ideal para a mulher), estariam neste processo de “feminilização”, diante da grande presença de mulheres, conforme relatos de Adísia Sá (1983/84). Já os cursos de Engenharia, concentraria em torno de 3% o percentual de mulheres (Barroso e Namó de Mello; 1975, apud Bruschini -1977), enquanto que o curso de Engenharia Mecânica é considerado masculino inclusive por muitas engenheiras (Bruschini -1977). Vejamos a afirmação de uma de nossas entrevistadas: “(...) *you tem na Escola Técnica um curso de Edificações que tem mais mulheres, por quê? Porque Edificações é muito associado à questão de casas, à questão de ambiente, à questão referente ao mundo da mulher. Quanto ao curso de Mecânica, está associado a automóveis, a carros, grandes máquinas, que é uma coisa que está um pouco afastado do mundo da mulher pra que ela foi criada*”.

Até 1943, a consolidação das Leis do trabalho (CLT), proibia a contratação de mão-de-obra feminina na construção civil, incluindo técnicas e engenheiras. É bem verdade que as mulheres já conseguiram derrubar muitos tabus nesta área sobretudo, mas ainda enfrentam muitíssimas barreiras e preconceitos no mundo do trabalho, pois ainda perdura a idéia de inconveniência de mulheres no meio dos peões.

A partir da escolha de um curso profissional, as mulheres, no caso das entrevistadas da nossa pesquisa, tiveram desde o início diversos obstáculos junto aos familiares e amigos que não entendiam ou não aceitavam a escolha, a discriminação tanto no decorrer do curso que muitas vezes “abafada”, diante do excelente desempenho acadêmico demonstrado, e de certa forma cobrado, como nos estágios, na procura de emprego, e na sociedade como um todo, claramente percebido neste depoimento: “(...) *as pessoas ficam pensando assim, normalmente, porque você escolhe um curso de Mecânica,*

que a gente é meio masculinizada, porque escolheu uma área de homem, aquela mulher é muito masculina, ela prefere coisa de homens”.

Inúmeras situações não apresentam logo de cara a discriminação, esta é sutil, latente. O perigo reside justamente no discurso subjacente. Os testes psicotécnicos enfrentados pelas mulheres para ingresso em certas áreas profissionais, sobretudo, são exemplos disso. Estas são levadas a acreditarem, de antemão, que não têm capacidade para aquela função, como aponta este depoimento: “(...) então ele fazia perguntas assim: e você vai ter que pegar um motor, e vai ter que fazer isso, aquilo, vai ficar no meio de peões, numa obra tanto isolada... como você pensou isso?... você é colocada em situações que você mesma conclui que não tem condições,” continuando “é muito fácil uma reprovação assim.” Nesse sentido a mulher sente reforçado o seu conceito de inferioridade.

“Muitas vezes um trabalho é desempenhado melhor pela mulher, porque esta de tanto ser posta a prova, de sempre estar tentado justificar que tem capacidade, que termina realmente desempenhando melhor aquela função. Ao homem nada disso é passado. Ele não tem que provar nada”, conforme este depoimento, o fator discriminação existe exatamente porque à mulher não havia sido dada a oportunidade de mostrar que é capaz, que tem as mesmas condições e que tudo pertence ao psicológico masculino. Demonstrar através do próprio exemplo, da responsabilidade encarada, da competência aguçada, da certeza do que se quer, da garra, coragem e perseverança e determinação, entre outros, pode ser não só uma bandeira de luta, uma forma de combate e conquista do espaço que é seu, como também incentiva e resgata o desejo de algumas mulheres que sentem-se vocacionadas para estas áreas, como bem ilustra a afirmação “(...)e mostro de minha experiência, que eu sou mulher, que estou no curso, que tive dificuldades (...)então eu procuro ser uma profissional competente(...)”.

5. Conclusão

Inserido num contexto marcado fortemente por muitos aspectos arraigados de uma cultura machista, numa ideologia patriarcal e de subordinação da mulher, o curso Técnico de Mecânica da ETEFPB, notadamente encarado como “curso de homens”, sobretudo nas décadas de 70 e 80, podemos perceber que aquelas mulheres que “ousaram” transitar em tais espaços, sentiram-se como “centro polarizador”, compelidas a demonstrarem um alto desempenho acadêmico, notas excelentes, dinamismo, participação nas variadas atividades, disposição e um extremo espírito despojado, no sentido de minimizar os efeitos de discriminação, embora este aspecto tenha sido encarado como natural, ou ainda, no pior dos casos, negada a sua existência, revelando o tamanho de dificuldade em superá-lo.

Percebemos, também, que estas mulheres revelaram um nível de auto estima elevado, auto-confiança, em primeiro lugar, e determinação, certeza na escolha profissional obstinação em conseguir seus desejos, seus objetivos e identificação com o que faziam, em segundo. Estas características foram preponderantes para o enfrentamento desde a família, os amigos, como nos estágios e empregos, encarando os desafios e até as “piadinhas”, com profissionalismo e competência.

Concomitantemente elas, da mesma forma, enfrentaram conflitos em nível interior gerado, muitas vezes, ao notarem que suas imagens eram confundidas, deturpadas, caricaturadas, concebidas como “mulheres masculinizadas”, “mulheres que só gostam de coisas de homem” e, portanto, estariam perdendo a feminilidade. Estes conflitos, para muitas mulheres, são terrivelmente difíceis de superá-los em virtude de serem introjectados e de certa forma admiti-los como verdade. Mulheres que optam por áreas conceituadas como femininas não enfrentam tamanhas barreiras. Daí a importância da certeza de escolha e a dosagem elevada de auto-confiança.

Sujeitos de suas histórias, as mulheres no curso Técnico de Mecânica, entre outras, estão escrevendo e vivendo um novo enredo, em novo cenário, no qual estas protagonistas, dismistificam o que se atestava como verdade e destino irrevogável para elas - a subserviência -. Longe de serem Amélias, estas Evas e Marias ao mesmo tempo impõem a fortaleza do “sexo frágil”- A mulher de batom, graxa e macacão.

6. Referências Bibliográficas

- [1] BERNARDO, Ana Maria Coutinho. O papel nosso de cada dia. Estudo sobre as concepções dos papéis sociais e estereótipos sexistas entre estudantes do 2º grau de João Pessoa - PB. (Dissertação), Mestrado em Educação. João Pessoa. UFPB, 1996.
- [2] GROSSI, M. P. O masculino e o feminino na educação: In: FREIRE, M.(org.) Paixão de aprender. Petrópolis. Vozes, 1992.
- [3] GUIMARÃES, Valéria Maria Gomes. A mulher de batom, graxa e macacão. Um resgate histórico acerca da presença da mulher no curso Técnico de Mecânica da Escola Técnica Federal da Paraíba. (Monografia), Especialização em Sociologia. João Pessoa. ETFPB/UFPB, 1997.
- [4] LIMA, Marileuza Fernandes Correia de et al. Da Escola de Aprendiz Artífices da Parahyba à Escola Técnica Federal da Paraíba: Memórias do ensino técnico. João Pessoa: ETFPB/gráfica, 1995.
- [5] LOBO, E. S. A classe operária tem dois sexos. Trabalho, dominação e resistência. São Paulo. Brasiliense, 1991.
- [6] LÜDKE, M. e ANDRÉ, M. E. D. A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo. EPU, 1986.
- MANUAL DO CURSO TÉCNICO DE MECÂNICA - ETFPB - 1996.